



Revista FAMECOS: mídia, cultura e
tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

WAINBERG, JACQUES A.

As utopias e a guerra comunicacional

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 3

-31

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551018002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

doi[®]: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2015.1.19590>

Teorias da Comunicação

As utopias e a guerra comunicacional

The comunicacional war and utopias

JACQUES A. WAINBERG

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Doutor pela ECA/USP.
<jacqalwa@pucrs.br>

(Ver ANEXO versão em inglês deste texto disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/>...>.)



Figura 1 – EZLN enfrenta as forças do Governo.



Figura 2 – Família marroquina luta na Síria junto à Al Qaeda.

RESUMO

Este estudo faz uma análise da guerra comunicacional, a que ocorre nos enfrentamentos assimétricos tais como os realizados pelo Estado Islâmico. O principal objetivo deste tipo de embate não é vencer o inimigo, mas controlar a percepção do público. Estas ações militares visam principalmente dominar a agenda noticiosa. O ato terrorista e a violência indiscriminada são meios através dos quais os grupos revolucionários atraem a atenção das redações e através delas exercem forte influencia sobre o clima de opinião pública. Faz-se aqui uma análise de 41 conflitos que estavam em andamento em 2013 motivados principalmente por utopias políticas e religiosas. Conclui-se que a utopia é um dos principais fatores que influenciam a ação dos militantes nestes confrontos.

PALAVRAS-CHAVES: Utopia. Guerra Assimétrica. Percepção.

ABSTRACT

This study consists in an analysis of the communicational war, the one faced in the asymmetric confrontations perpetrated by ISIS, the Islamic State. The main goal of these confrontations is not to win the war over the enemy, but to control the public's perception. These military actions intend on dominating news agency – the terrorist act and the uncontrolled violence are means through which revolutionary groups can draw attention from newsrooms and change public opinion. 41 ongoing conflicts since 2013 are analysed here; their motives are mainly political and religious utopias. Our conclusion leads us to see utopia as one of the main influencers of militant actions in these conflicts.

KEYWORDS: Utopia. Asymmetrical War. Perception.

De uma forma geral as utopias revolucionárias provocam guerras. Sonhos redentores deste tipo têm pouca tolerância com o lento vagar da história. A paciência que caracteriza o estado de espírito do reformista falta ao rebelde. Ele deseja com seu ato radical, geralmente violento, criar não só uma nova sociedade como um novo ser humano. A utopia perfeccionista é pretensiosa. Por isso mesmo, sua ação política vem sempre acompanhada de um projeto educativo. Ele visa alterar profundamente padrões morais, sociais, econômicos e culturais. O fato explica porque a doutrinação do militante é condição necessária ao seu labor político e militar. É o que se vê hoje, por exemplo, nas hostes salafistas. Usualmente, esses grupos islâmicos não se interessam em participar de eleições. A exceção a esta regra foi a decisão adotada pelo Partido *Al Nur* de concorrer ao parlamento após a derrubada do governo de Hosni Mubarak no

Egito. Os demais grupos salafistas que lutam com armas em várias partes do mundo desejam nada menos que a emergência a ferro e fogo de um novo califado. Querem impor a todos o império da *shaaria*. A tática dos *mujahaidin* é assimétrica. Este tipo de luta de pequenos grupos de militantes que se valem do terror para abalar a moral das tropas inimigas tem sido utilizado há muito tempo. Os anarquistas do século XIX e XX, por exemplo, praticaram a guerrilha urbana. O objetivo do embate assimétrico não é vencer a luta. Ela visa principalmente dominar as percepções humanas. A imprensa serve de instrumento aos revolucionários que desejam por seu intermédio conquistar a simpatia da opinião pública, arregimentar apoio político e financeiro, recrutar militantes, abalar a reputação do inimigo e despertar a esperança.

Os dados reunidos no *Conflict Barometer 2013* pelo *Heidelberg Institute for International Conflict Research* (HIICR) mostram que a disputa ideológica foi a causa de 148 conflitos de um total de 414 que ocorreu no mundo em 2013. Como em anos anteriores, este item foi o mais relevante entre os 10 analisados no estudo. Isso significa que pelo menos um ator envolvido na disputa ambicionava modificar ou desejava manter certo sistema político ou econômico, ou desejava fazer prevalecer seus valores e sua visão de mundo. A Ásia & Oceania foi a região mais afetada pela guerra assimétrica. O Oriente Médio veio em segundo lugar seguido das Américas, Europa e por fim da África Subsariana.

O caso do Zapatismo

A rebelião Zapatista, iniciada no estado de Chiapas em 1º de Janeiro de 1994, preencheu em alguma medida o vazio utópico provocado no Ocidente pela derrocada do mundo comunista. A tomada de cinco cidades do sul do México por um exército de 3.000 guerrilheiros indígenas armados e com rostos cobertos por *passamontanhas* (gorros da malha) e *paliacates* (lenços que cobrem o rosto) no dia em que o Acordo Nafta de Livre Comércio entre os Estados Unidos, o Canadá e o México entrava em vigor surpreendeu

o país e animou os que, já há algum tempo, protestavam em várias partes do mundo contra a globalização econômica e cultural e os que ansiavam em recuperar, em alguma medida, o entusiasmo revolucionário que tinha caracterizado a agitação das décadas precedentes.

Havia no caso da crise mexicana um dilema concreto e visível. Ele dizia respeito ao abalo que a mudança constitucional aprovada no congresso do país causaria à sua população indígena. O artigo 27 tinha sido uma das principais realizações da Revolução Mexicana de 1910 liderada por Emiliano Zapata e por Pancho Villa. Este artigo assegurava a propriedade pública das terras. Com a mudança este sistema estava ameaçado e o *ejido*, a propriedade coletiva trabalhada pelas comunidades indígenas, ficava sujeita à privatização.

Na verdade este conflito pelo controle e a distribuição das terras é antigo. Na época da revolução de 1910, dois terços das propriedades rurais do país pertenciam a somente 900 famílias. O grito de guerra proferido contra os latifundiários naquele momento por Emiliano Zapata (1879-1919), no sul do país, e por Pancho Villa (1878-1923), no norte, é hoje repetido no sul do México, local onde se ouve com frequência o mesmo slogan de então, *Terra e Liberdade*. A luta iniciada em 1994 evoca os mesmos motivos de 1910. Os inimigos de então eram a ditadura de Porfírio Diaz e os *terratenientes*. Agora os alvos da rebelião são o Governo, os latifundiários e o neoliberalismo. O que os rebelados queriam e ainda desejam é a reforma agrária assim como a abolição dos resquícios feudais remanescentes, entre eles a servidão indígena.

Netwar

Com frequência os comentaristas utilizam o epíteto ‘pós-moderno’ para nomear a rebelião zapatista. Isso se deve ao fato do zapatismo ter sido pioneiro nas técnicas do *netwar* ou *cyberwar*. Estes conceitos formulados originalmente na *Rand Corporation*

referem hoje em dia um amplo número de conflitos de baixa intensidade disputados na *web* (Ronfeldt, 1998). Neles estão envolvidos terroristas, criminosos, *gangs*, as autoridades governamentais, as corporações multinacionais, os extremistas e ativistas de movimentos sociais, entre outros atores. Embora a estratégia utilizada pelos simpatizantes do zapatismo tenha sido originalmente hierárquica (seguindo a usual prática leninista de utilizar uma cadeia linear de comando), ela se tornou rapidamente numa ação descentralizada. Assim os pertencentes à rede zapatista passaram a comunicar plenamente uns com os outros. Esta via deu aos rebeldes mexicanos um grau de influência que nenhuma outra tecnologia alternativa de comunicação existente até então tinha lhes oferecido.

Naturalmente, o desempenho a guerrilha virtual depende do design da rede. A Al-Qaeda, por exemplo, é constituída por grupos semiautônomos. O Falun Gong chinês modificou sua estrutura hierárquica, que imitava a do Partido Comunista do país. Tornou-se um movimento de massas descentralizado. O nível tecnológico aplicado é também decisivo. Mas os três elementos mais graves são a doutrina que motiva os integrantes da rede de computadores, os laços pessoais que os unem e a história comum que é narrada por todos. É isso que lhes dá identidade.

No México, a rede *LaNeta* foi uma das primeiras a atuar em apoio aos zapatistas. Outra, a *Association for Progressive Communication* (APC), também participou desta militância. Ela se formou timidamente entre 1982 e 1987. Originalmente, constituída pela *GreenNet* britânica e o *Institute for Global Communications* (IGC) dos Estados Unidos, então denominada de *PeaceNet/EcoNet*, a APC atraiu grupos similares na Suécia (*NordNet*), no Canadá (*Web*), no Brasil (*Ibase*), na Nicarágua (*Nicarao*) e na Austrália (*Pegasus*). Hoje ela envolve organizações de 50 países.

Fica claro que há nesta militância internacional um indisfarçável sentimento de oposição à sugestão de assimilar plenamente as populações indígenas aos usos e

costumes da sociedade capitalista moderna. Os nativos vivem outro estilo de vida, dizem eles. No caso do Brasil este mesmo tipo de tensão entre as doutrinas desenvolvimentista e a autonomista persiste desde 1910 quando o Serviço de Proteção ao Índio (SIP) foi criado pelo Marechal Rondon. A missão delegada ao SIP foi a de tutelar os povos indígenas e a de proteger sua inocência até o momento em que os índios pudessem finalmente se integrar à ‘civilização’¹. Suas terras deveriam ser defendidas, assim como seus hábitos, costumes e instituições. Educação primária e profissional ‘não obrigatória’ seria oferecida pelo novo órgão (substituído pela FUNAI em 1973). Outras inúmeras tarefas foram igualmente delegadas à FUNAI, entre elas a construção de estradas entre as aldeias, a criação de centros de consumo, a concessão de títulos de propriedade assim como a tarefa de atrair e aldear os índios nômades.

Em 1973, ocorreu pequena, mas significativa alteração. O novo Estatuto do Índio definiu os povos indígenas como ‘relativamente capazes’. O objetivo expresso da FUNAI permaneceu sendo o de integrá-los à sociedade brasileira, “assimilando-os de forma harmoniosa e progressiva”. Em 1988, a nova Constituição aceitou em alguma medida a relativa autonomia destas populações. O documento reconhece a identidade cultural indígena, seu estilo de vida singular e o usufruto de suas terras. No entanto, as pessoas não seriam mais tuteladas, mas sim os seus direitos.

Na década de 1990, este mesmo tipo de embate entre autonomistas e desenvolvimentistas tinha transformado o México num laboratório. Diversas ações de guerra de nervos começaram a ser testadas pelos militantes apoiadores do indigenismo no campo de batalha virtual. No alvorecer da rebelião, os comunicados do subcomandante Marcos (um a cada dois dias no início da revolta) eram gravados em disquetes e levados a *San Cristóbal de las Casas* onde eram inseridos na web pelos simpatizantes envolvidos nas ações de ‘guerrilha eletrônica’.

Originalmente, a guerra zapatista tinha sido planejada para seguir os ditames da estratégia maoista, ou seja, um conflito guerrilheiro e popular que se prolongaria no tempo. No entanto, depois de 12 dias nos quais os bombardeios do exército mexicano abateram centenas de combatentes indígenas, este tipo de guerra frontal rapidamente se transformou num conflito virtual, numa *netwar*. Vários apoiadores dos zapatistas ajudaram o grupo atuando fora das fronteiras mexicanas. A primeira página do EZLN disseminada na rede desde um servidor estrangeiro foi postada no *Swarthmore College*, na Pensilvânia. Naturalmente, em reação, surgiu também o que agora se denomina de ‘contrainsurgência virtual’ através da qual se combate as redes inimigas utilizando as redes de simpatizantes e aliados.

Desde 1994, as técnicas de guerra virtual desenvolvidas originalmente no embate mexicano têm sido copiadas e utilizadas em várias partes do mundo por grupos salafistas, racistas, liberais, religiosos, nacionalistas, conservadores e anarquistas. Elas foram aplicadas depois na Chechênia, Burma (ou Myanmar), Timor Leste e a Sérvia e em vários outros conflitos. O que está em jogo nestes embates do ciberespaço é a capacidade das ONGs influenciarem em algum grau a opinião pública.

Percepção coletiva

Portanto, para os pequenos grupos que promovem insurgências guerrilheiras a percepção coletiva passou a ser algo mais decisivo que a vitória militar no campo de batalha. Este tipo de embate foi denominado de 4GW (*Fourth Generation Warfare*) (Lind et al., 1989). Segundo este conceito, a luta pode no final ser vencida por seus efeitos psicológicos causados à opinião pública. Ou seja, o combate físico não é o primordial. O que interessa mesmo é o seu resultado propagandístico. Nesta visão, o disparo retórico é tão poderoso quanto o das armas, ou mais. A luta urbana levada a cabo pelo Hamas em Gaza contra Israel em 2014 é exemplo recente deste tipo de

batalha. Outros exemplos são a guerra na Chechenia (Goulding, 2000-1), a luta dos sandinistas na Nicarágua em 1979 e a campanha dos Vietcongs (1955-1975) (Mack, 1975). No Afeganistão, entre 1979 e 1989, o objetivo dos *mujahidins* foi menos vencer o Exército Vermelho e mais, muito mais, desgastar as forças opositoras a fim de persuadir a liderança soviética a se retirar do país invadido.

Segundo o conceito 4GW, a ação guerrilheira envolve a ação descentralizada de células de militantes que atuam no meio da população civil nativa que, com frequência, serve de escudo humano aos combatentes. O objetivo deste tipo de luta tem sido menos destruir e mais desmoralizar o exército convencional inimigo. A guerra torna-se assim um embate comunicacional. O site da Al Qaeda também comentou amplamente a nova doutrina 4GW divulgada originalmente no *Marine Corps Gazette*². Ele dizia: “A Quarta geração das guerras já ocorreu e revelou a superioridade da parte teoricamente mais fraca”³.

Nelas o relevante é a capacidade dos atores manipularem o fluxo das informações que chegam às redações e através delas as audiências. Sob o ponto de vista dos rebeldes o suprimento de conteúdo dramático torna-se fator decisivo da estratégia militar. Ao oferecer ao consumo do público imagens chocantes, como foram os casos da degola de ocidentais no Iraque, o ataque às torres gêmeas de Nova York, a explosão de um ônibus em Londres e de um trem em Madrid, a guerra assimétrica alcança seu objetivo de minar psicologicamente a confiança e a estima do público opositor. Estas ações divulgadas na mídia tem também estimulado a adesão de novos militantes, entre eles conversos do Ocidente ao islamismo. Outros autores criaram rótulos similares para este tipo de embate, entre eles, Guerra Híbrida (Hybrid Warfare) ou Guerra Irregular Complexa (Hoffman, 2007). Portanto, frente ao exército convencional está sempre um ator não estatal. Estes são os casos, por exemplo, da Al Qaeda, do Estado Islâmico (ISI) e do Boko Haram.



Figura 3 – Degola realizada pelo ISIS em 2014.



Figura 4 – Ataque terrorista em Londres em 2005.



Figura 5 – Bomba destruiu um trem em Madri em 2004.



Figura 6 – Ataque da Al-Qaeda em 2001.

Segundo Lind et al. (1989), a Quarta Geração se refere ao uso intensivo da propaganda, doutrinação, terror e segredo. Os insurgentes buscam vencer a superioridade militar do opositor abalando sua reputação, desafiando-o e humilhando-o. Muitos desses insurgentes atuam globalmente. Sua vitória moral é obtida provocando divisões internas na opinião pública inimiga, ameaçando-a constantemente e disseminando a incerteza e a desconfiança sobre seu futuro econômico. Ou seja, o alvo dos grupos rebelados é toda a sociedade inimiga, e não somente suas forças armadas. Não há nestes casos uma distinção clara entre o *front* interno e o campo de batalha. Desaparece igualmente a distinção entre civis e militares. São operações psicológicas e a luta torna-se uma guerra de nervos. Informação em vez de mísseis é a arma principal destes grupos que visam atormentar em vez de destruir o inimigo. Para tanto, lhes parece mais relevante ocupar alguns minutos dos telejornais do que matar soldados. Este tipo de ação equivale ao conceito anarquista de “ação direta” e de “propaganda pelos

fatos.” Ou seja, é um tipo de luta através da qual os princípios são disseminados não com palavras, mas com ocorrências que se tornam aos olhos dos observadores uma forma mais potente e irresistível de propaganda (Wainberg, 2014, p. 74).

Dilema

Em decorrência, os manuais militares estão agora enfrentando o dilema de formular uma nova doutrina militar capaz de enfrentar este tipo de *guerra comunicacional*⁴. Entre as inúmeras sugestões que estão sendo apresentadas aos fuzileiros navais (as forças que usualmente invadem e dominam territórios inimigos) está a da intensa interação pessoal dos soldados com os nativos (Petraeus, 2008). A recomendação que se faz é de que os militares devem nesta nova conjuntura agir de forma similar aos policiais londrinos (conhecidos por *British bobbies*). Como se sabe, eles dialogam e interagem com as populações das ruas e bairros nos quais circulam.

O objetivo deste tipo de encontro das tropas com a população civil deve ser o de evitar o escalonamento do conflito (Imperial and Royal Austro-Hungarian Marine Corps, 2008). Entre as técnicas oferecidas neste documento estão a de equipar toda patrulha com uma câmera; patrocinar um programa de televisão nos locais onde inimigos capturados responsáveis pela morte de civis são interrogados pela polícia; distinguir os oponentes capturados com base na motivação, tribo, religião ou outro critério que a população local reconheça; tratá-los de forma honrada, liberando-os a seguir enquanto se continua aprisionando outros militantes. Diz o documento, “isso causará suspeições e divisões entre nossos oponentes”. No tratamento da imprensa, o exército pode adotar uma estratégia defensiva ou ofensiva. No primeiro caso, o objetivo é controlar o fluxo da informação e minimizar a publicação de más notícias. Foi isso que se fez nas guerras da segunda e da terceira geração. Agora, na 4GW, a estratégia ofensiva visa fazer uso da imprensa em vez de controlá-la. Para tanto é necessária

transparência. Isso dará aos fuzileiros navais mais credibilidade e promoverá a cooperação dos soldados com a mídia.

Chega-se à conclusão que este tipo de enfrentamento é em essência uma operação psicológica em grande escala. Segundo Thomas Hammes (2004), as guerras de Quarta Geração são as únicas que os Estados Unidos perderam. Isso ocorreu no Vietnã, no Líbano e na Somália. Este tipo de confronto também derrotou os franceses no Vietnã e na Argélia e a URSS no Afeganistão. Ela também tem desafiado Israel nos seus enfrentamentos com o Hezbolá no Líbano e com o Hamas em Gaza. No período de 1800 a 1998, os atores mais fracos venceram 30% de todas as guerras assimétricas (Arreguin-Toft, 2011, p. 93-128). Por decorrência ficou menos clara a própria definição do que seja a vitória na guerra (Mandel, 2007).

Tabela 1 – Número de Vitórias nas Guerras Assimétricas. Em %.

Período	Autor forte	Autor fraco
1800-49	88,2	11,8
1850-99	79,5	20,5
1900-49	65,1	34,9
1950-98	45	55

Fonte: Arreguin-Toft, 2011.

A verdade é que a literatura militar sempre valorizou a dimensão psicossocial dos embates militares. As *psyops* (operações psicológicas) fazem parte da história das guerras. Agora a luta assimétrica é usualmente definida como um enfrentamento militar entre duas forças combatentes desiguais. Em muitos casos a parte mais fraca, a que dispõe de menos armamento e menos soldados, compensa esta fragilidade não só com o terrorismo e outras ações hediondas praticadas contra os seus inimigos, mas

também com uma motivação religiosa e política. A intensa doutrinação dá sentido ‘sagrado’ à luta dos militantes. É isso que explica também a ação da Al Qaeda e de outros grupos salafistas que atacam hoje em várias partes do mundo (Lee, 2014).

Dito de outra maneira, a utopia política e/ou religiosa é a justificativa oferecida pelos combatentes para este tipo de guerra irregular. Anarquistas, comunistas, nacionalistas e islamitas se beneficiam da ‘disparidade ideológica’ (Stepanova, 2008) que lhes favorece. A santidade de suas causas é utilizada como álibi a sua ‘guerra justa’. Por exemplo, a Jihad está impregnada de ardor messiânico. A luta dos combatentes do Islã visa tornar a “Casa da Guerra” (o território no qual vivem os ‘infiéis’) na “Casa do Islã”.

Os revolucionários tem esta vantagem: eles são irredutíveis em seus objetivos políticos. O que lhes estimula não é a contrariedade contra algum aspecto ou episódio da política governamental. O seu mal-estar é geral e irrestrito. Sua luta é contra os fundamentos da sociedade que hostilizam. Cabe lembrar que entre 1968 e 1997, os grupos de esquerda ativados por este tipo de sonho perfeccionista realizaram em todo o mundo 1869 ataques, causando 829 mortes. Os nacionalistas foram responsáveis por 1723 ocorrências (3015 vítimas). Os grupos religiosos realizaram neste mesmo período 497 atos terroristas (1640 vítimas).

A utopia, ao contrário da ideologia (1) almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, o revolucionário (8) utiliza métodos violentos de luta, entre eles a guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas. Ou seja, participam das rebeliões utópicas atores que desejam a profunda transformação da sociedade.

Cabe salientar a propósito uma passagem de *Ideologia e Utopia*. Karl Mannheim alerta que é difícil a um observador distinguir com precisão ambos os conceitos uma vez que “os elementos utópicos e ideológicos não ocorrem separadamente no processo histórico” (Mannheim, 1985; p. 203). Ocorre que por definição a utopia é um lugar que não existe. A ideologia, por sua vez, aspira romper o limite imposto por este idealismo. Ela chama a atenção de certo grupo de referência a aspectos da realidade que merecem sua atenção. Explica a este grupo porque o mundo é do jeito que é. Faz um diagnóstico do ambiente e aponta um ator que não faz parte do grupo de referência como sendo o responsável pelos dissabores existentes. Além de ser um mapa cognitivo que permite uma pessoa examinar e interpretar a realidade, a ideologia acaba transformando a utopia num programa político.

Com base nos critérios assinalados que operacionalizam este conceito é possível identificar na Tabela 2 as rebeliões utópicas contemporâneas.

Tabela 2 – A utopia política e religiosa como causa dos conflitos de 2013.

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Bósnia & Herzegovina	1. Grupos wahabitas x Governo	2007	Estado Islâmico Militantes islâmicos chegaram à Bósnia em 1992 para ajudar os muçulmanos locais contra os croatas e sérvios. Vieram da África do Norte, Oriente Próximo e Médio.	1

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Itália	2. Brigada Vermelha × Governo	1970	Revolução Comunista Este sonho é acalentado por uma nova geração de ativistas da Brigada Vermelha. O grupo é conhecido agora como a Nova Brigada Vermelha/Partido dos Combatentes Comunistas. Sua militância recomeçou em 1999 com o assassinato de Massimo D'Antona, assessor do ministro do Trabalho.	2
Rússia	3. Grupo salafista × Governo	1989	Estado Islâmico Grupo checheno quer expulsar a Rússia do Cáucaso do Norte e criar um Estado Islâmico na região.	4
Sérvia	4. Grupo wahabita × Governo	2007	Estado Islâmico	1
Quênia	5. Mungiki × Governo	1997	Nativismo africano Mungiki é o nome dado a uma organização mística originada na década de 1980. Defende a ideia do retorno às tradições africanas. Rejeita a ocidentalização, o cristianismo e tudo que possa ser relacionado ao colonialismo. Opõe-se também à modernização. Seus inimigos a descrevem como a Máfia queniana devido à forma secreta e misteriosa de operação. Utiliza o terrorismo e a extorsão.	3
Mali	6. Ansar Dine (Defensores da Fé) × Movimento Nacional de Libertação do Azaude (MNLA) × Alto Conselho pela Unidade do Azaude & Movimento Árabe do Azaude	2012	Estado Islâmico O Ansar Dine é um grupo fundamentalista islâmico dissidente da Al Qaeda do Magreb Islâmico. Foi fundado em 2012. Já o MNLA agrupa os rebeldes tuaregues islâmicos (povo berbere habitante do Sahara) que lutam pela independência do norte do Mali. O Movimento Azaude é uma organização militar árabe formado em 2012. Ele visa defender os povos árabes do norte do Mali.	3

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Mali	7. al-Mourabitoun & Ansar Dine & Al Qaeda & Movimento pela Unidade e a Jihad no Norte da África x Governo	2009	Estado Islâmico Grupos islamitas lutam contra o governo do país que é apoiado pela França, pela Comunidade dos Estados Africanos e pelas Forças da ONU. Os rebeldes se entrincheiraram no norte do país em 2012, sendo de lá removidos em 2013 pelas forças internacionais.	5
Niger	8. AQIM, MUJNA x Governo	2008	Estado Islâmico Al Qaeda (AQIM) e o Movimento pela Unidade e a Jihad no Norte da África (MUJNA) lutam contra o governo do país. Os Estados Unidos monitoram o conflito com drones.	3
Nigéria	9. Boko Haram x Governo	2003	Estado Islâmico O grupo Boko Haram quer impor a sharia ao país. Utiliza métodos terroristas.	5
Nigéria	10. Grupos cristãos x Grupos islâmicos	1960	Estado Islâmico O Conflito da Sharia na Nigéria iniciado em 1999 é a última etapa de um confronto antigo entre muçulmanos e cristãos no país. A sharia foi implantada em vários estados cuja população é majoritariamente muçulmana no país.	3
Somália	11. al-Shabaab x Governo e as forças do Quênia que lutam na Somália	2006	Estado Islâmico O grupo islâmico Al-Shabaab (A Juventude) foi fundado em 2004.	5

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Colômbia	12. ELN × Governo	1964	Revolução Comunista O Exército de Libertação Nacional (ELN) é uma organização guerrilheira criada em 1965. Visa promover a revolução comunista. Inspira-se em Cuba. Nele atuam vários padres católicos influenciados pela Teologia da Libertação. O grupo realiza sequestros.	3
Colômbia	13. FARC × Governo	1964	Revolução Comunista As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) é um grupo de guerrilheiros que ambiciona a revolução comunista. ¹	4
México	14. Exército Popular Revolucionário (EPR) × Governo	1995	Revolução Comunista Fundado em 1996 como braço-armado do clandestino PDPR (Partido Democrático Popular Revolucionário). Sua orientação é maoísta.	2
Paraguai	15. Exército do Povo Paraguaio × Governo	1989	Revolução Comunista	3
Peru	16. Sendero Luminoso × Governo	1980	Revolução Comunista O Sendero Luminoso é um grupo guerrilheiro maoísta fundado na década de 1960 por estudantes e professores da Universidade do Peru. O grupo continua sua luta armada no sul do país.	3
Bangladesh	17. Grupos islâmicos Harkatul-Jihad-al Islami Bangladesh (HuJI-B), Jamatul Mujahideen Bangladesh (JMB), e o Hefazat-e Islam × Governo	2004	Estado Islâmico Grupos islâmicos continuaram enfrentando as tropas governamentais.	3

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Bangladesh	18. <i>Bangladesh Jamaat-e-Islami & Bangladesh Islami Chhatra Shibir</i> × <i>Liga Awami Bangladesh & Liga Chhatra Bangladesh</i>	2000	<i>Estado Islâmico</i> Bangladesh Jamaat-e-Islami é o maior partido islâmico do país. Foi declarado ilegal em 2013. Ambiciona criar um estado islâmico. Seu grupo jovem é o Bangladesh Islami Chhatra Shibir. Em 1971, formaram um grupo paramilitar, o Al Badar, que se responsabilizou pelo assassinato de vários intelectuais. Ambos lutam contra o partido governamental, a Liga Popular de Bangladesh. Outro inimigo é a Liga dos Estudantes do Paquistão Oriental, uma organização política de estudantes.	3
India	19. <i>Hizbul Mujahideen & Harkat-ul-Jihad-al-Islami & Mujahideen da India & Jaish-e-Mohammed & Lashkar-e-Taiba & Movimentos dos Estudantes Islâmicos da India (SIMI)</i> × Governo	2000	<i>Estado Islâmico</i> O Hizbul Mujahideen opera no estado de Jammu e Caxemira e numa área controlada pelo Paquistão conhecida por Caxemira Livre. Já o Harkat-ul-Jihad-al-Islami é uma organização fundamentalista islâmica que atua no Paquistão, em Bangladesh e na Índia desde a década de 1990. Os Mujahideen da Índia (IM) utiliza o terrorismo e está baseado na Índia. O Exército de Maomé, ou Jaish-e-Mohammed, é igualmente islâmico e está baseado no Paquistão. Sua meta é separar a Caxemira da Índia. Utiliza para tanto o terrorismo. O Lashkar-e-Taiba (Exército de Deus) é o grupo terrorista mais ativo no sul da Ásia. Sua base está no Paquistão. Por fim, o Movimento dos Estudantes Islâmicos da Índia (SIMI) visa liberar a Índia da influência cultural do Ocidente e converter o país ao islamismo.	3

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
India	20. Grupo naxalita (Partido Comunista da Índia) × Governo	1997	Revolução Comunista Um total de 20.000 guerrilheiros maoístas conhecidos como <i>naxalitas</i> lutam pela revolução comunista. Atuavam em 2009 em 180 distritos do país.	3
India	21. PULF × Governo	1993	Estado Islâmico A Frente de Libertação Popular Unida (PULF) deseja não só proteger a comunidade muçulmana de Manipur, na região da fronteira da Índia com Myanmar, como também criar um estado islâmico na região através da luta armada.	2
Indonesia	22. Grupos islâmicos (JAT, JI) × Governo	1981	Estado Islâmico Grupos islamitas tal como Jemaah Anshorut Tauhid (JAT) e o Jemaah Islamiyah (JI) lutam pela fundação de um estado islâmico.	3
Casaquistão	23. Djund al-Khalifat (Os soldados do Califa) × Governo	2011	Estado Islâmico	2
Paquistão	24. Grupos islâmicos (al-Qaeda, Haqqani Network, LI, TTP) × Governo	2001	Estado Islâmico Grupos islâmicos fundamentalistas, entre eles o Tehrik-i-Taliban do Paquistão (TTP), Lashkar-e-Islam (LI), al-Qaeda e Haqqani lutam contra o governo do país.	5
Filipinas	25. Partido Comunista × Governo	1968	Revolução Comunista Desde sua fundação em 1968 o Partido Comunista das Filipinas luta com guerrilhas pela revolução comunista no país.	3
Filipinas	26. Frente Moro de Libertação Nacional × Governo	1969	Estado islâmico	5

cont.

* (1) A utopia almeja concretar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (continuação)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Filipinas	27. Grupo Abu Sayyaf × Governo	1991	Estado islâmico	3
Afeganistão	28. Talibãs, Haqqani Network, al-Qaeda, Hezb-e-Islami Gulbuddin, Movimento Islâmico do Uzbequistão × Governo	1994	Estado Islâmico Os talibãs, a rede Haqqani, o Hezb-e-Islami e outros grupos lutam contra a Força Militar Internacional (ISAF) que apoia o Governo do país.	5
Argélia	29. AQIM, MUJAO, al-Mourabitoun, Signatários em Sangue × Governo	1989	Estado Islâmico Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQIM), o Movimento pela Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO) e os Signatários em Sangue lutam contra o Governo.	4
Egito	30. Grupos salafistas × Governo	1992	Estado islâmico Grupos salafistas começaram atacar as forças do Governo no deserto do Sinai.	4
Egito	31. Grupos salafistas × Governo	1954	Estado Islâmico A Irmandade Muçulmana retornou à oposição após a derrubada do governo de Muhammad Mursi.	5
Iraque	32. Grupos sunitas (Ansar al-Islam, AQI, ISIS) × Governo	2003	Estado islâmico O grupo Estado Islâmico (ISIS) e outros grupos sunitas continuaram atacando em 2013 as forças do governo.	5
Líbano	33. Fatah al-Islam, grupos fundamentalistas × Governo	2006	Estado Islâmico Grupo palestino Fatah al-Islam que opera no norte do Líbano é jihadista.	3
Mauritânia	34. AQIM × Governo	2007	Estado Islâmico Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQIM) ataca com o objetivo de formar um estado islâmico.	2

cont.

* (1) A utopia almeja consertar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 2 (conclusão)

Local	Atores Envolvidos no Conflito	Início do Conflito	Conceito Operacional: Utopia*	Grau de Violência**
Marrocos	35. AQIM × governo	2003	Estado Islâmico O grupo AQIM também ataca no Marrocos.	2
Síria	36. ISIS × Frente al-Nusra Frente Islâmica × grupos islamitas × Forças de Oposição (NC)	2013	Estado Islâmico A luta entre os grupos islamitas e as forças do governo continuou em 2013. Por vezes choques armados ocorreram entre os próprios grupos islâmicos.	3
Síria	37. Forças de Oposição (NC), Exército Sírio Livre (FSA), Estado Islâmico (ISIS), Frente Islâmica, Frente al-Nusra e outros grupos × Governo	2011	Estado Islâmico	5
Iêmen	38. AQAP, Ansar al-Sharia × Governo	1992	Estado Islâmico Al Qaeda e grupos filiados lutam contra o governo.	5
Tajiquistão	39. Grupos islâmicos (Hizb-ut-Tahrir, Movimento do Uzebequistão (IMU), Jamaat Ansarullah, Jundullah, Tabligh-i-Jamaat × Governo	1997	Estado Islâmico	3
Uzebequistão	40. Grupos islâmicos × Governo	1991	Estado Islâmico	1
Arábia Saudita	41. Al Qaeda da Península Arábica (AQAP) × Governo	1990	Estado Islâmico	2

* (1) A utopia almeja concretar a realidade, (2) propõe um ideal perfeccionista, (3) defende uma causa, (4) desperta a imaginação do militante, (5) refere-se a um mundo desconhecido, (6) articula os descontentes e (7) divulga a esperança. Com frequência, os utopistas (8) se valem da guerra assimétrica. (9) A utopia dá uma resposta à decadência social percebida pelo militante como intolerável. Esta luta revolucionária, (10) que ambiciona forjar um novo ser humano, (11) cativa e recruta novos simpatizantes e (12) se indispõe às regras democráticas.

** Grau de conflito: 5 = Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Fonte: HICR.

Conclusão e Discussão

A guerra comunicacional, usual nas insurgências assimétricas contemporâneas, é a estratégia utilizada pelo beligerante fraco para obter no embate com o beligerante

forte um grau superior de controle da percepção das pessoas que observam à distância os choques armados. Com seus atos violentos, muitos deles terroristas, os rebeldes almejam controlar a pauta jornalística, recrutar novos simpatizantes e disseminar através da mídia o medo.

A *netwar* é outra característica da *quarta geração* das guerras (4GW). O caso zapatista ilustra a origem do ciberativismo ideológico que permitiu aos rebeldes pela primeira vez desafiar a autoridade de uma forma não violenta. O caso zapatista revela ainda uma peculiaridade, a habilidade revelada por este movimento de conter a ambição revolucionária dos revoltosos, algo que não ocorre com os salafistas islâmicos, a principal força revolucionária em atividade no mundo atual.

Apesar de se valer de uma prosa utópica e afetiva através da qual convoca e articula os descontentes, desperta a imaginação, propõe um ideal e faz a defesa de uma causa, o zapatismo não se valeu nem da guerra assimétrica nem do terrorismo. Depois de 12 dias de batalha nenhum tiro mais foi disparado, dizem agora [com orgulho] os seus porta-vozes. Os fuzis são armas de defesa, afirmam. “O caráter do movimento é pacífico”. Antes de se desligar da liderança do movimento o subcomandante Marcos costumava afirmar que “não queremos derrotar um governo para nos colocar no seu lugar. Queremos que se abra um espaço democrático onde a sociedade possa participar e decidir que rumo político [o país] vai ter”.

É verdade que o famoso pronunciamento “Ya Basta” foi proferido pelos zapatistas sob a influência da teologia da libertação, do maoísmo, do indigenismo, do *guevarismo* e do marxismo. É também verdade que a rebelião armada foi organizada não só por mestiços e por índios locais, mas também por ‘ladinos’ que tinham se infiltrado na selva para preparar o momento da rebelião. Cabe lembrar que desde 1972 revolucionários tentavam se instalar na floresta Lancandona, localizada no sul do país, próximo à fronteira da Guatemala. Em 1983 um pequeno grupo de militantes marxistas das

Forças de Libertação Nacional (FLN), grupo fundado em 1969, também se transferiu ao local. Eles tinham recebido treinamento militar na Nicarágua sandinista e em Cuba (em 1971/72). Em 1982, eles retornaram à ilha de Fidel. Convivendo com os indígenas os membros do FLN aprenderam os idiomas locais e os seus costumes. Esses 'ladinos' eram majoritariamente egressos da Universidade Nuevo Léon. Em certo momento eles decidiram colocar em prática o que propunha o filósofo Louis Althusser, um de seus principais mentores intelectuais.

As ideias revolucionárias tinham no passado exercido igualmente forte influência sobre Emiliano Zapata. Destacava-se então Cipriano Riarco Flores Magón (1874-1922), um anarquista fundador do Partido Liberal Mexicano. Suas ideias em apoio à autonomia indígena e contra os latifundiários influenciaram a rebelião de 1910 e ressoam no movimento zapatista atual. Depois, novos sinais de revolta apareceram em 1959. Nessa oportunidade o líder rebelde foi Rubén Jaramillo, um pregador metodista e comunista assassinado no estado de Morelos em 1962. Outro rebelado foi Genaro Vásquez Rojas (1931-1972), um líder sindical (dos professores) que passou à clandestinidade e organizou vários grupos armados que atuaram na Serra Madre del Sur, próximo à costa do Pacífico, nas décadas de 1960 e 1970. A partir de 1967 lutou ao seu lado Lucio Cabañas, líder do Exército dos Pobres formado por 300 guerrilheiros que se refugiavam nas Montanhas Guerrero.

Na década de 1980, entre os que decidiram continuar a obra evangelizadora e rebelde estavam catequistas católicos (sob a influência dos jesuítas, maristas e dominicanos, principalmente), pregadores protestantes, maoistas do grupo União do Povo e do grupo Política Popular (PP) que surgira entre os estudantes universitários que militaram nas rebeliões de 1968. O líder do PP era Adolfo Orive Berlinguer, um professor e economista da Universidade Autônoma do México (UNAM) que estudara na França com Charles Bettelheim (1913-2006), um teórico estalinista que se convertera

ao maoísmo. No seu retorno ao país, Berlinguer formaria as Brigadas Emiliano Zapata na UNAM para resistir à ocupação militar do campus. Depois ele ajudou a fundar o EZLN. Já os trotskistas do Partido dos Trabalhadores Revolucionários chegaram a Chiapas ainda em 1970, junto com os militantes do Partido Comunista.

Por vezes, a rebelião zapatista do EZLN é rotulada por autores e comentaristas de ‘pós-moderna’. Há boas razões teóricas para a utilização deste epíteto. Em primeiro lugar porque a revolta conseguiu colocar em prática o antigo sonho anarquista de criar Zonas Autônomas, ou seja, os 27 Municípios Autônomos dos Rebeldes Zapatistas (conhecidos pela sigla MARZ em espanhol). Nestes locais controlados pelos zapatistas vivem hoje 300 mil famílias. O movimento é visto como pós-moderno também porque, como mencionado, soube evitar a postura rígida dos comunistas do período da guerra-fria. Embora seja verdade que o núcleo inicial dos rebeldes constituído por duas dúzias de professores universitários e profissionais liberais (não havia entre eles operários, camponeses ou indígenas) pretendesse instaurar a ditadura do proletariado e o comunismo no país, também é verdade que este sonho foi se modificando com o desenrolar do conflito (La Botz, p. 136).

Agora, os revoltosos dizem que o zapatismo não tem uma doutrina acabada. “É uma intuição”. Na decifração deste enigma afirmam que o movimento é “aberto e flexível”. É algo que pergunta “O que me exclui?” Esta rebelião é definida como pósmoderna também porque seus declarados ideais – a liberdade, a igualdade e a democracia – ainda são objetivos relativamente vagos neste discurso. O fato explica porque desde 1994 é vasta a obra intelectual produzida para decifrar estes termos no contexto da realidade mexicana atual. Encontros internacionais promovidos pelo movimento têm atraído apoiadores originários principalmente de países ocidentais desenvolvidos. Esta tendência neomarxista se caracteriza por advogar um estilo de vida pós-material e por reatualizar o discurso ambientalista, alternativo, anímico e comunitário dos anos 70.

O público de simpatizantes que cultiva um mal-estar crônico ao consumismo acolhe com simpatia a retórica zapatista que mescla as tradições indígenas com os clássicos da literatura ocidental numa prosa irônica, paradoxal, bem humorada e desafiadora. O subcomandante Marcos costumava explicar aos ‘peregrinos’ que os comunicados do movimento almejam “explicar através do coração as ideias que eram destinadas à cabeça”. A verdade é que há certa inocência (que fascina o observador) nos jogos de linguagem destes manifestos. Os visitantes também observam com interesse e esperança a democracia participativa aplicada nas comunidades indígenas. Ela envolve consultas, assembleias comunitárias e os Conselhos da Boa Governança que aplicam as decisões.



Figura 7 – Emilio Zapata



Figura 8 – Pancho Villa



Figura 9 – Lucio Cabañas



Figura 10 – Vásquez Rojas



Figuras 11 e 12 – Guillén Vicente como subcomandante Marcos

Naturalmente, os utópicos consideram seus objetivos políticos viáveis. Por isso rotulam de conservador e reacionário o ponto de vista contrário, o que aponta os limites do perfeccionismo. Cabe assinalar que este é o principal marcador da utopia. É o desejo de forjar a ferro e fogo um novo ser humano que diferencia este conceito de seu similar mais próximo, a ideologia.

A análise dos 148 conflitos ideológicos listados pelo *Heidelberg Institute for International Conflict Research* mostra na Tabela 2 que (1) a utopia mais influente no mundo contemporâneo é a que propõe a formação do *Estado Islâmico*. (2) Em 2013, grupos que defendem a *utopia islâmica* atuaram na Síria, Iêmen, Bósnia e Herzegovina, Rússia, Filipinas, Sérvia, Mali, Niger, Nigéria, Somália, Bangladesh, Índia, Indonésia, Casaquistão, Paquistão, Afeganistão, Argélia, Egito, Iraque, Iraque, Libano, Mauritânia, Tajiquistão, Uzebequistão e Arábia Saudita.

Tabela 3 – Os conflitos utópicos e ideológicos no mundo em 2013.

Grau de Violência	Estado Islâmico	Revolução Communitaria	Nativismo Africano	Total Utopias	% do Total das Utopias	% Total dos Conflitos Mundiais n=418	Total Ideologias	% do Total das Ideologias	% Total dos Conflitos Mundiais n=418	Total Geral	% Total dos Conflitos Mundiais n=418
1	3	–	–	3	7,3	0,7	13	12,1	2,9	16	3,8
2	5	2	–	7	17	1,7	29	27,1	7,2	36	8,6
3	10	5	1	17	41,5	4	60	56	13,9	77	18,4
4	4	1	–	4	9,7	0,95	4	3,7	0,95	8	1,9
5	10	–	–	10	24	2,4	1	0,9	0,47	11	2,6
Total	32	8	1	41	100	9,8	107	100	25,5	148	35,4

Fonte: Conflict Barometer 2013, Heidelberg Institute for International Conflict Research (HIIKR).
Grau de conflito: 5= Guerra; 4 = Guerra limitada; 3 = Crise violenta; 2 = Crise não violenta; 1 = Disputa.

Tabela 4 – Período em que os conflitos de 2013 iniciaram.

	A. Utopia: Revolução Islâmica	B. Utopia: Revolução Comunista	C. Utopia: Nativismo Africano	D = A+B+C Utopias: Subtotal	E. Ideologias em Conflito	F. Ideologias: Subtotal	D+F Total
1900-1939	–	–	–	–	1	1	1
1940-1950	–	–	–	–	10	11	11
1951-1960	2	–	–	2	2	13	15
1961-1970	1	5	–	6	5	18	24
1971-1980	–	1	–	1	12	30	37
1981-1990	4	1	–	5	6	36	48
1991-2000	9	1	1	11	15	51	75
2001-2010	12	–	–	12	28	79	113
2011	2	–	–	2	12	91	127
2012	1	–	–	1	7	98	135
2013	1	–	–	1	9	107	148
Total 2013	32	8	1	41	107	107	148

(3) A *utopia comunista*, a segunda mais influente, explica a militância de grupos revolucionários que atuaram em 2013 na Itália, Colômbia, México, Paraguai, Peru, Índia e Filipinas. (4) Como exposto na Tabela 3, três *utopias* (a islâmica, a comunista e a ação do grupo Mungiki no Quênia) produziram 41 *conflitos* (9,8% do total de todos os conflitos de 2013 no mundo) em 31 países. As ideologias causaram 107 *conflitos* (25,5% do total) em 62 localidades. (5) Proporcionalmente, as *utopias geraram conflitos mais violentos* que as ideologias. Na soma das categorias 3, 4 e 5 obtem-se o resultado de que 75% dos conflitos gerados pelas utopias foram altamente violentos contra 60,7% das ideologias. Setenta e cinco por cento dos conflitos envolvendo a utopia islâmica e 77,8% das crises envolvendo a utopia comunista foram violentos. (6) Em

termos absolutos observa-se que as utopias geraram 10 guerras (grau cinco), todas elas envolvendo a ambição dos revolucionários muçulmanos de formar um estado islâmico. As ideologias produziram, em contrapartida, *uma guerra*. (7) Prepondera no mundo o conflito *violento*, a crise de grau três, tanto nos embates gerados pelas utopias quanto pelas ideologias. (8) A Tabela 4 mostra que as utopias islâmicas tornaram-se especialmente ativas a partir da *década de 80*, no exato momento em que a frustração com o socialismo real ‘esfriava’ a utopia comunista. (9) Em 2013, 107 *ideologias* estavam em confronto no mundo. (10) Os conflitos iniciados em 1991 representavam 66% do total das crises existentes em 2013. Os demais conflitos são remanescentes de um período que retrocede a 1902 quando a disputa entre os grupos islâmicos Barisan Revolusi Nasional e Organização de Libertação Unida Pattani e o governo tailandês começou.

Por fim, cabe assinalar o fato de que a utilização de outra definição operacional para *utopia* certamente alteraria a tipologia construída neste estudo. Esta modificação teria impacto na constatação aqui verificada, a de que em determinadas condições os movimentos revolucionários se retraem. Nos casos nos quais as ideologias predominam e desempenham seu papel pragmático acabam valendo ambições bem mais modestas que as propostas pelas utopias religiosas e políticas. Foi o que ocorreu agora não só com o zapatismo no México como também com os Tupamaros no Uruguai e com a Facção do Exército Vermelho alemão. Os simpatizantes deste último grupo, também conhecido como Baader-Meinhof, migraram a partir da década de 1980 para a militância ambientalista. Por isso, hoje em dia os partidos verdes europeus são chamados jocosamente de partidos ‘melancias’ por seus opositores. Eles seriam verdes por fora, mas vermelhos por dentro. Outros ex-revolucionários ainda estariam se dirigindo agora à defesa dos direitos humanos. Após o fracasso da experiência comunista e do desinteresse crescente da opinião pública pela luta armada

(Wainberg, 2015) amadureceu no século XXI o apreço por este ‘sonho do possível’ (Moyn, 2010). Ele amadureceu principalmente nos Estados Unidos a partir dos anos 80 em apoio aos dissidentes soviéticos. A luta pelos direitos humanos tornou-se a partir de então na luta pela libertação do indivíduo da opressão estatal. Esta modificação de ideário é também utilizada para distinguir o movimento neoconservador dos ativistas paleoconservadores. Cabe lembrar que o neoconservadorismo foi estabelecido por militantes que na juventude tinham sido militantes trotskistas. Ou seja, o neoconservador seria um liberal fustigado pela realidade. ●

REFERÊNCIAS

- ARREGUÍN-TOFT, Ivan. How the weak win wars. *International Security*, v. 26, n. 1, p. 93-128, summer 2011.
- DUNLAP, Charles J. *Law and military interventions: preserving humanitarian values in 21st conflicts*. Kennedy School of Government, Harvard University. 2001 <<http://people.duke.edu/~pfeaver/dunlap.pdf>>.
- ECHEVARRIA, J. A. *Fourth Generation War and Other Myths*. Strategic Studies Institute, 2005.
- GOULDING Jr., Vincent J. Back to the Future with Asymmetric Warfare. *Parameters*, p. 21-30, Winter 2000-2001 <<http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/Articles/00winter/goulding.htm>>.
- HAMMES, Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century*. Zenith Press, 2004.
- HEIDELBERG INSTITUTE FOR INTERNATIONAL CONFLICT RESEARCH. *Conflict Barometer 2013*. 2014 <http://hiik.de/de/downloads/data/downloads_2013/ConflictBarometer2013.pdf>.
- HOFFMAN, F. G. 4GW as a Model of Future Conflict. *Boyd 2007 Conference*. 13 de julho de 2007.
- IMPERIAL AND ROYAL AUSTRO-HUNGARIAN MARINE CORPS. *Fourth Generation War*. 2008 <http://www.dnipogo.org/fcs/pdf/fmfm_1-a.pdf>.
- LEE, Min Goo. The just war tradition and utopian political thought. *E-International Relations*. 2014 <<http://www.e-ir.info/2014/07/11/the-just-war-tradition-and-utopian-political-thought>>.
- LIND, William; NIGHTENGALE Keith; SCHMITT, John F.; SUTTONE, Joseph W.; WILSON, Gary I. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. *Marine Corps Gazette*, Oct. 1989.
- MACK, Andrew. Why big nations lose small wars: the politics of asymmetric conflict. *World Politics*, v. 27, n. 2, p. 175-200, 1975 <<http://web.stanford.edu/class/polisci211z/2.2/Mack%20WP%201975%20Asymm%20Conf.pdf>>.

- MANNHEIM, Karl. *Ideology & utopia*. Harvest, 1985.
- MANDEL, Robert. Reassessing Victory in Warfare. *Armed Forces & Society*, v. 33, n. 4, p. 461-495, 2007.
- MOYN, Samuel. *The last utopia: human rights in history*. The Belknap Press of Harvard University Press, 2010
- PETRAEUS, David H. Multi-National Force-Iraq Commander's Counterinsurgency Guidance. *Military Review*, Sept.-Oct. 2008 <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/MilitaryReview_20081031_art004.pdf>.
- RONFELDT, David et al. *The Zapatist Social Netwar in Mexico*. Rand's Arroyo Center, 1998 <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/1998/MR994.pdf>.
- STEPANOVA, Ekaterina. *Terrorism in Asymmetrical Conflict. Ideological and Structural Aspects*. Stockholm International Peace Research Institute. Research Report n. 23. Oxford University Press. 2008.
- WAINBERG, Jacques A. O discurso utópico e o poder persuasivo da violência. In: *Revista Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 71-91, jan./jun. 2014.
- _____. *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*. Ed. Paulus. 2015. (no prelo)
- WALZER, Michael. *Just and Unjust Wars*. Basic Books, 2007.

NOTAS

¹ Segundo o censo de 2010 havia no Brasil 896.917 índios.

² <https://www.mca-marines.org/gazettet>. Acesso em: 16 de março de 2015.

³ In <http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1909010/posts>. Acesso em: 16 de março de 2015.

¹ [FMFM 1A, Fourth Generation Warfare](#), Agosto de 2009; [FMFM 1-3A, A Tactical Handbook for Counterinsurgency and Police Operations](#), 12 agosto de 2008; [FMFM 1A-3A, A Book of 4GW Tactical Decision Games](#), 3 de outubro de 2008; [Light Infantry](#), 24 de setembro de 2008; [FMFM 3-23 Air Cooperation](#), agosto de 2009; [FMFM 3-25 How to Fight in a 4th Generation Insurgency](#), agosto de 2009. Ver também ROBINSON, Linda; MILLER, Paul D.; GORDON IV, John; DECKER, Jeffrey; SCHWILLE, Michael e COHEN, Raphael S. *Improving Strategic Competence. Lessons from 13 years of war*. Rand Corporation, 2014.

Recebido: 16.12.2014

Aceito: 05.02.2015

Endereço do autor:

Jacques A. Wainberg <jacqalwa@pucrs.br>
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, sala 319 – Partenon
90619-900 Porto Alegre, RS, Brasil